

Desempenho da produção industrial — jan.-abr./01*

*Maria Lucrecia Calandro***

O ano 2000 marcou a retomada do crescimento da economia brasileira, impulsionada pela boa performance do setor industrial. Após dois anos de retração dos níveis de produção (-2,0% em 1998 e -0,7% em 1999), decorrente, principalmente, dos ajustes na política econômica do Governo impostos pela crise das Bolsas asiáticas, a produção industrial assumiu a liderança do processo de crescimento, com taxas de expansão acima da média da economia: o PIB cresceu à taxa de 4,5%, enquanto o produto industrial, avaliado pelo índice de produção física do IBGE, atingiu 6,5%, levando a um aumento da participação da indústria.

Esse bom desempenho não chegou a surpreender e foi anunciado nas análises conjunturais realizadas por representantes de empresas, instituições de pesquisa, entidades de classe, dentre outros. As expressivas taxas de crescimento da produção industrial resultaram do esforço de reestruturação empreendido pela grande maioria dos setores industriais no sentido de racionalizar e reorganizar os processos produtivos e, sobretudo, da retomada dos investimentos no período 1995-98, em níveis bem superiores aos observados na primeira metade dos anos 90 e, inclusive, um pouco superior aos verificados na década de 80. Esses investimentos

“(…) ocorreram com maior intensidade nos segmentos produtores de bens de consumo, tanto em bens duráveis quanto não duráveis, e nos setores de metalurgia e siderurgia. Em direção contrária, aparecem os grupos de empresas produtoras de bens intermediários e de bens de capital” (Lima, 2001, p.112).

* Este texto foi elaborado com informações obtidas até 28.06.01.

** Economista, Técnica da FEE e Professora da PUCRS.

A autora agradece aos colegas Sílvia Horst Campos e Rubens Soares de Lima pelos comentários e sugestões à versão preliminar do texto, bem como ao estagiário Eduardo Provenzano pelo apoio técnico.

O ambiente interno favorável — reestruturação e investimentos, manutenção das taxas de juros reais — e a ausência de choques externos criaram as condições para a expansão da produção industrial. No entanto, as condições favoráveis que permitiram consolidar a trajetória de crescimento da indústria nacional no ano passado não estão se mantendo em 2001, como mostram os índices de produção física no primeiro quadrimestre deste ano.

A continuidade do movimento de crescimento acelerado para o ano 2001 vem sendo comprometida pelo elevado nível de utilização da capacidade instalada em grande parte dos setores industriais, notadamente no segmento produtor de bens intermediários. A maioria das empresas encontram-se operando no limite de sua capacidade instalada, o que torna qualquer esforço de aumento da produção dependente de novos investimentos. As informações coletadas pela Fundação Getúlio Vargas sobre o nível de utilização da capacidade mostram que "(...) o setor de bens intermediários é o que apresenta a maior taxa de ocupação, com 87,7% em abril, enquanto o setor de bens de consumo registrou a menor, com 77,8% (em termos dessazonalizados)" (B. Conj. Ipea, 2001, p.1). Outros fatores que vêm obstaculizando a retomada do crescimento acelerado são, em nível interno, a elevação da taxa de juros e a instabilidade cambial e, no plano externo, a crise argentina e a desaceleração da economia norte-americana.

A perspectiva para os próximos meses, em especial a partir do terceiro trimestre, é de retração mais acentuada da produção industrial. Às dificuldades impostas à economia brasileira pela crise da economia argentina e suas repercussões sobre as taxas de câmbio, com elevações contínuas no dólar, e os aumentos da taxa de juros no País vieram se somar, nesse primeiro semestre de 2001, o racionamento de energia elétrica e a ameaça de "apagões".

É consenso entre diversos analistas econômicos a gravidade dessa restrição e de seus impactos negativos sobre o nível de atividade econômica, que ainda não são totalmente quantificáveis. A crise de energia deverá provocar redução na produção e nas taxas de crescimento do PIB, e seus efeitos estender-se-ão por um prazo prolongado. Isto porque, segundo Renato Baumann, Diretor da Cepal no Brasil, ao contrário das crises anteriores (do México, 1994; da Ásia 1997; da Rússia 1998; e a desvalorização do câmbio, 1999), que foram solucionadas mediante a implementação de medidas de ajustes fiscais e financeiros, todas de curto prazo, a escassez de energia elétrica exige a realização de investimentos para recuperar a capacidade de oferta física, o que demanda recursos e tempo (Oswald, 2001, p.33).

A avaliação realizada pelo IBGE a respeito dos impactos da crise de energia na produção industrial de estados e regiões brasileiras constata que, com base nas características da produção regional — indústria mais (bens intermediários e bens não duráveis) e menos intensivas em energia (bens de consumo durável e bens de capital) —, o Nordeste e Minas Gerais serão os mais afetados,

enquanto Espírito Santo, Rio de Janeiro e Região Norte serão os menos prejudicados (Calmon, 2001, p.A-3).¹

Embora o Rio Grande do Sul não tenha sido forçado a reduzir o consumo de energia elétrica, será atingido pela metas de cortes impostos a outros estados. Os setores mais atingidos serão o metalúrgico, o de artefatos de borracha e têxtil, cujas relações comerciais com as áreas mais afetadas pelo racionamento (Sudeste e Nordeste do País) são mais intensas, seja porque compram insumos e matérias-primas dessas regiões, seja porque elas se constituem em principal destino das vendas das empresas gaúchas (Bueno, 2001).

A alta do dólar, por sua vez, irá beneficiar os setores voltados para o comércio internacional e prejudicar os que dependem de importações de insumos e de matérias-primas.

Produção da indústria brasileira: desaceleração do crescimento

A evolução dos índices de produção física nos quatro primeiros meses de 2001 indica a desaceleração no ritmo de crescimento da atividade industrial. Embora ainda mantendo significativas taxas de crescimento na maior parte dos indicadores calculados pelo IBGE, vem sendo observado um desaquecimento no ritmo de expansão da atividade industrial.

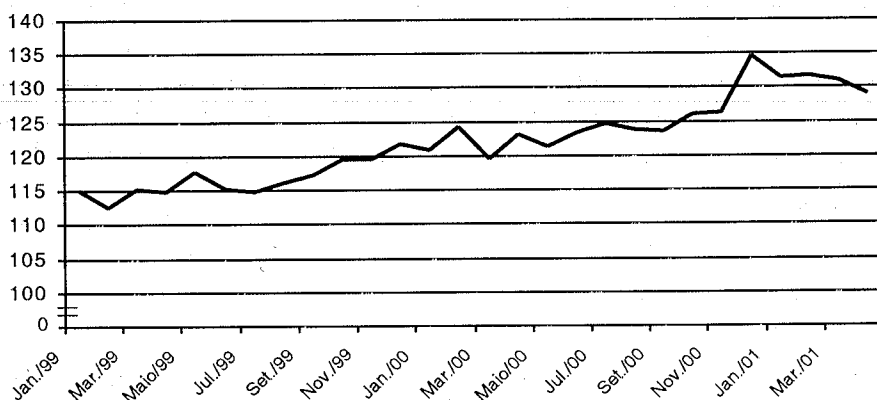
A análise da evolução mensal da produção industrial no período jan./99-abr./01 (Gráfico 1) mostra que, a partir de janeiro de 2001, o indicador sazonalizado do IBGE vem registrando taxas de crescimento da produção física sucessivamente menores: o desempenho em abril foi pior do que em março, e este, pior do que em fevereiro, ambos com taxas negativas (-1,6% e -0,5% respectivamente).² Os indicadores acumulados, que serão analisados mais adiante, também registram taxas de crescimento sucessivamente menores ao longo do primeiro quadrimestre.

¹ O ajuste à crise de energia terá impactos distintos tanto por regiões quanto por setor industrial. Inicialmente, os maiores prejudicados serão os setores intensivos em energia e aqueles cujo consumo também depende do uso de energia elétrica — eletrodomésticos, material elétrico de uso em instalações, equipamentos para indústria, comércio e serviços e alimentos congelados. Em um segundo momento, a crise atingirá os setores cujos produtos dependem do crédito, como, por exemplo, automóveis (Neumann, 2001, p.A-9).

² Nos primeiros quatro meses de 2001, as taxas de crescimento nos índices mês/mês anterior foram as seguintes: janeiro, -2,7%; fevereiro, 0,3%; março, -0,5%; e abril, -1,6%. No indicador mensal, as taxas são positivas, porém vêm apresentando uma tendência de redução: janeiro, 11,2%; fevereiro, 1,5%; março, 8,0%; e abril, 6,1%.

Gráfico 1

Evolução mensal do índice da produção física da indústria geral brasileira — jan./99-abr./01



FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número índice (2001). Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/>. Acesso em: 10 de junho.

NOTA: Os índices têm como base a média de 1991 = 100, ponderação pelo **Censo Industrial de 1985** e ajustamento sazonal.

Tal comportamento assinala uma lenta desaceleração no ritmo de crescimento do setor industrial. “Desde o início da recuperação industrial, no segundo semestre de 1999, comportamento similar havia se verificado apenas no período de julho a setembro de 2000, no entanto naquela ocasião a contração acumulada em dois meses foi menor (-1%).” (Pesquisa ..., 2001).

Convém ressaltar que, apesar dessa contração, o nível de atividade ainda se encontra em um patamar acima do observado no primeiro quadrimestre de 2000, como evidenciam outros indicadores do nível de atividade industrial. Em análise sobre o desempenho da indústria brasileira, a Confederação Nacional das Indústrias (CNI) constata que, na comparação do mês de abril de 2001 com o mesmo mês do ano anterior, por exemplo, houve expansão nas vendas e no uso da capacidade instalada, porém com queda no nível de emprego. Comportamento semelhante também pode ser observado no indicador acumulado no ano, apesar da redução nas taxas de crescimento. A evolução do indicador acumulado no ano 2001 e no acumulado dos últimos 12 meses, por categorias de uso, é apresentada na Tabela 1.

Tabela 1

Taxa de crescimento acumulado da produção física da indústria, por categoria de uso, no Brasil — 1999/01

SEGMENTOS	ACUMULADO			ACUMULADO EM
	JAN-ABR (1)			12 MESES (2)
	1999	2000	2001	Abr./01
Bens de capital	-12,73	5,91	19,98	17,4
Bens intermediários	-0,93	8,10	5,29	5,9
Bens de consumo	-4,87	3,64	4,67	3,5
Duráveis	-16,53	20,06	14,70	19,0
Semiduráveis e não duráveis	-1,71	-0,14	1,89	-0,3
Indústria geral	-3,35	6,76	6,85	6,6

FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número índice (2001). Rio de Janeiro : IBGE. Disponível em: <http://sidra.ibge.gov.br/>. Acesso em: 10 de junho.

(1) Os dados têm como base o índice acumulado em igual período do ano anterior = 100. (2) Os dados têm como base os últimos 12 meses anteriores = 100.

Inicialmente, procura-se comparar o desempenho das diversas categorias no primeiro quadrimestre dos três últimos anos com base no comportamento registrado pelas taxas de crescimento. Os resultados atingidos pelo indicador acumulado jan.-abr./99 registraram taxas negativas para todas as categorias de uso, com uma queda no segmento de bens intermediários.

A consolidação da trajetória de crescimento no ano 2000 foi impulsionada pelos segmentos produtores de bens de capital e, especialmente, de bens de consumo duráveis, que registraram taxas de crescimento bastante expressivas. Na primeira categoria, destacam-se os gêneros material de transporte, mecânica, metalúrgica e material elétrico e de comunicações, todos pertencentes a indústrias que fazem parte do complexo metal-mecânico, cuja dinâmica vem sendo responsável pela expansão recente. No segmento produtor de bens de consumo duráveis, o dinamismo pode ser atribuído à expansão da produção de veículos, de eletrodomésticos e de mobiliário. A única taxa negativa foi registrada pelo segmento produtor de bens de consumo não duráveis (-0,1%), que já vem apresentando dois anos de resultados negativos, devido, provavelmente, à queda do rendimento médio real ocorrida nos últimos três anos (B. Conj. Ipea, 2001).

Nos quatro primeiros meses de 2001, a expansão da produção continua a ser liderada pelos segmentos produtores de bens de capital e de bens de con-

sumos duráveis. O segmento de bens não duráveis, por sua vez, embora tenha registrado o pior desempenho do quadrimestre, alcançou uma taxa positiva.

Na análise do índice acumulado em 12 meses até abril, ainda na Tabela 1, observa-se que as maiores taxas de crescimento foram atingidas pelos segmentos produtores de bens de consumo duráveis (19,0%) e de bens de capital com taxa acumulada de 17,4%, que continuam, assim, mantendo sua trajetória de crescimento, alcançando sua melhor marca desde setembro de 1995. Na categoria bens de capital, os produtos responsáveis pela elevada taxa de crescimento alcançada no acumulado do quadrimestre foram os equipamentos para energia elétrica (34,0%), seguidos por máquinas e equipamentos agrícolas (30,2%) e pelos equipamentos de transporte (28,4%), todos com marcas bem acima da média do segmento de bens de capital (20,0%).

Em relação aos produtores de bens de consumo duráveis, a recuperação, iniciada em 2000 e que vem se prolongando pelos primeiros meses de 2001, foi impulsionada pelo crescimento da produção de veículos. Já os segmentos produtores de bens intermediários (5,3%) e de bens semiduráveis e não duráveis (1,9%) ficaram abaixo da média da indústria (6,9%) (Pesquisa ..., 2001).

A boa performance dos segmentos produtores de bens de capital e de consumo duráveis, contudo, tende a não se repetir ao longo dos demais meses de 2001. Além dos impactos das medidas contracionistas implementadas pelo Governo Federal e das variações do dólar sobre o nível de produção industrial, o racionamento de energia elétrica poderá implicar reduções significativas na produção física.

A análise do desempenho da produção física, por classes e gêneros de indústria, para o período em análise (jan.-abr./01), possibilita desagregar um pouco mais essas informações. No exame dos dados da Tabela 2, destaca-se, inicialmente, o resultado do índice acumulado no ano para a indústria geral (transformação e extrativa mineral): até março, a taxa alcançou 7,1% e, no mês de abril, houve uma pequena redução (6,8%). Esse resultado, porém, ainda é superior ao total acumulado no ano 2000, que registrou um crescimento de 6,5%.

Tabela 2

Taxas de crescimento acumulado da produção física, por classes e gêneros da indústria, no Brasil — jan.-abr./01

(%)

CLASSES E GÊNEROS	JAN-FEV	JAN-MAR	JAN-ABR
Indústria geral	6,58	7,10	6,85
Indústria extrativa mineral	12,79	10,37	9,69
Indústria de transformação	5,84	6,71	6,51
Minerais não-metálicos.....	0,48	1,47	1,03
Metalúrgica.....	6,89	8,50	7,87
Mecânica.....	12,52	14,90	15,54
Material elétrico e de comunicações	18,38	19,30	19,34
Material de transporte	11,49	17,26	17,77
Madeira	-1,89	-3,92	-3,30
Mobiliário	-3,05	1,38	1,86
Papel e papelão	0,15	1,92	2,51
Borracha	0,63	0,45	-0,75
Couro e peles	-13,22	-11,72	-9,27
Química	4,17	2,83	2,08
Farmacêutica	-7,05	-4,13	-4,35
Perfumaria, sabões e velas	1,95	4,37	4,93
Produtos de matéria plástica	-4,08	-1,78	-1,17
Têxtil	-1,10	-1,01	-1,77
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	-3,73	-3,27	-3,73
Produtos alimentares	6,30	5,63	4,73
Bebidas	4,37	-2,30	1,40
Fumo	22,18	12,21	12,40

FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número índice (2001). Rio de Janeiro : IBGE. Disponível em: <http://sidra.ibge.gov.br/>. Acesso em: 10 de junho.

NOTA: Os dados têm como base o índice acumulado em igual período do ano anterior = 100.

As principais contribuições para a formação da taxa positiva no período analisado foram proporcionadas pela expansão da produção dos gêneros mecânica (15,5%), material elétrico e de comunicações (19,3%) e material de transporte (17,8%), que repetem o bom desempenho do ano anterior e apresentam taxas de crescimento acumulado ascendentes nos quatro primeiros meses do ano. “Os produtos que mais influenciaram este desempenho foram automóveis; fio, cabo e condutor de cobre; e equipamentos de ar-condicionado central, respectivamente.” (Pesquisa ..., 2001). O impacto positivo sobre a

taxa de crescimento da indústria geral também deve ser atribuído à extrativa mineral, explicado pelo petróleo em bruto, e ao gênero metalúrgica, com destaque para os laminados de alumínio; ambos alcançaram taxas de crescimento elevadas, porém com menor impacto sobre a formação da taxa global no período jan.-abr./01.

Os piores resultados decorreram do fraco desempenho dos gêneros couros e peles, farmacêutica, produtos de matéria plástica, têxtil, vestuário, calçados e artefatos de tecidos, que vêm acumulando taxas negativas. O gênero produtos alimentares alcançou, no acumulado jan.-abr./01, uma taxa de crescimento de 4,7%, que, apesar de positiva, aprofunda a tendência descendente, mantendo, assim, o fraco desempenho verificado nos dois anos anteriores.

Indústria gaúcha perde a liderança do crescimento industrial

Os índices mensais de produção física da indústria gaúcha apresentaram, ao longo do período fev./99-nov./00, variações positivas superiores às verificadas nos índices relativos à produção industrial brasileira. Esse bom desempenho refletiu-se em taxas anuais de crescimento expressivas: 2,2% em 1999 e 8,8% em 2000, ano em que a indústria gaúcha assumiu a liderança do desempenho regional entre os estados contemplados na pesquisa do IBGE.

A expressiva taxa de crescimento da atividade industrial em 2000 resultou das contribuições positivas da mecânica, cuja produção cresceu à taxa de 27,7%, e da química, com crescimento de 8,6%. O desempenho desses gêneros, por sua vez, foi impulsionado, respectivamente, pela expansão da fabricação de tratores e colheitadeiras agrícolas e de polietileno e eteno. A contribuição negativa à formação da taxa global foi atribuída ao fumo (-6,5%) e a couros e peles (-9,3%).

Essa boa performance, contudo, não deve se repetir no ano 2001, como apontam os diversos indicadores calculados pelo IBGE e como faz prever o ambiente externo bastante desfavorável associado a metas restritivas de consumo de energia elétrica. Com esse cenário, todas as projeções de desempenho apontam para uma contração do nível de atividade produtiva.

A análise dos índices mensais mostra redução nas taxas de crescimento, registrando, inclusive, taxas negativas nos meses de fevereiro (-2,6%) — primeira contração desde outubro de 1999 — e março (-0,4%). Em abril, contudo, a produção física voltou a crescer de modo significativo, atingindo o percentual de 4,4%, porém, abaixo da taxa de crescimento da indústria brasileira. Como principal contribuição para a formação dessa taxa aparece novamente a produção de tratores e de colheitadeiras, com expansão de 39,7% nesse mês. Outros

indicadores confirmam a tendência de desaceleração no ritmo de crescimento: acumulado nos 12 últimos meses e acumulado no ano (como será visto na Tabela 3).

É interessante ressaltar que essa tendência já podia ser observada na análise dos índices trimestrais de produção física e de sua evolução no ano 2000, ao longo do qual se observa uma redução nas taxas de crescimento trimestrais: 13,9% no primeiro, 7,6% no segundo, 8,8% no terceiro e 5,5% no quarto.

Cabe lembrar que essa queda nas taxas de crescimento trimestrais deve-se, em larga medida, à base de comparação das informações (segundo semestre de 1999), período que marcou a retomada do crescimento da atividade industrial, caracterizada por elevadas taxas de expansão da produção. Essa constatação relativiza a magnitude da queda, porém permanece a evidência de lenta redução no ritmo de crescimento da produção.

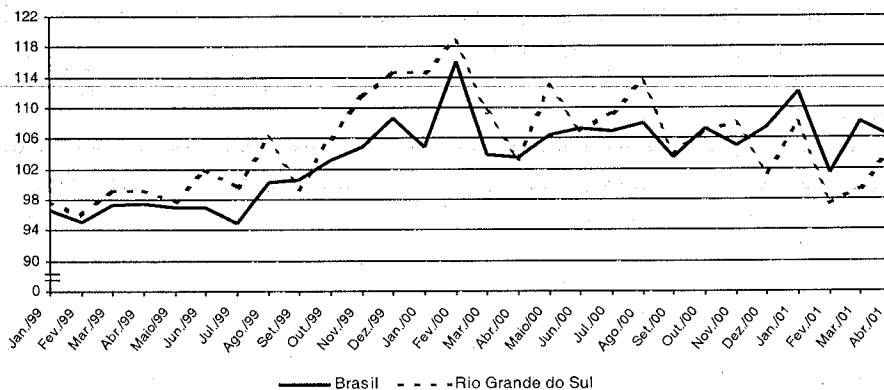
O Gráfico 2 apresenta a evolução dos índices mensais de produção física (indústria extrativa mineral e indústria de transformação) para o Brasil e o Rio Grande do Sul. Consta-se nesse gráfico que o índice, no mês de setembro, comparando-se com o mesmo mês do ano anterior, registrou uma queda acentuada na produção, e, a partir daí, verificaram-se pequenas oscilações, tanto ascendentes quanto descendentes, porém sempre tendendo para níveis de produção inferiores. A se manter essa tendência, os índices de produção, nos próximos meses, poderão confirmar uma redução no patamar da produção industrial gaúcha.

Outra constatação evidenciada no Gráfico 2 é a inversão no comportamento da atividade industrial gaúcha e da nacional. Após uma fase de crescimento a taxas superiores às da produção industrial brasileira, a indústria gaúcha voltou a apresentar taxas menores de crescimento da produção física a partir de dezembro de 2000.

A desaceleração da indústria gaúcha pode também ser examinada através da evolução do indicador acumulado tanto no ano quanto em 12 meses. A Tabela 3 mostra que, a partir do mês de novembro de 2000, as taxas de crescimento acumulado nos últimos 12 meses passaram a mostrar acréscimos sucessivamente menores na atividade industrial. O mesmo comportamento pode ser observado nos índices acumulados no ano, só que a desaceleração tem início no mês de setembro e se estende por todo o período em análise, sendo mais acentuada a partir de fevereiro de 2001. Entre janeiro e abril, houve uma redução de praticamente seis pontos percentuais.

Gráfico 2

Evolução mensal do índice da produção física da indústria geral do Brasil e do Rio Grande do Sul — jan./99-abr./01



FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número índice (2001). Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/>. Acesso em: 20 de maio.

NOTA: Os índices têm como base igual período do ano anterior e ponderação pelo Censo Industrial de 1985.

Tabela 3

Taxa acumulada da produção física da indústria no Rio Grande do Sul — ago./00-abr./01 (%)

MESES	ACUMULADO NO ANO (1)	ACUMULADO EM 12 MESES (2)
Até ago./00	10,66	9,62
Até set./00	9,87	10,00
Até out./00	9,58	10,07
Até nov./00	9,41	9,77
Até dez./00	8,78	8,78
Até jan./01	8,01	8,34
Até fev./01	2,42	6,76
Até mar./01	1,27	5,85
Até abr./01	2,11	5,95

FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número índice (2001). Rio de Janeiro : IBGE. Disponível em: <http://sidra.ibge.gov.br/>. Acesso em: 10 de junho.

(1) Os dados têm como base o índice acumulado em igual período do ano anterior = 100. (2) Os dados têm como base os últimos 12 meses anteriores = 100.

O desempenho segundo os gêneros industriais

Uma avaliação mais detalhada do comportamento da indústria gaúcha pode ser vista na análise dos gêneros industriais. Observa-se, na Tabela 4, que, no mês de abril de 2001, dos 18 gêneros pesquisados, a metade apresentou redução na produção, expressa nas taxas negativas. A maior queda foi registrada no gênero minerais não-metálicos (-17,2%), seguido de papel e papelão (-15,4%), couros e peles (-10,1%) e química (-10,1%), este último com mais destaque, visto que possui maior representatividade na formação do produto industrial gaúcho. Com impactos positivos sobre a taxa global da indústria gaúcha em abril, sobressaem os gêneros mecânica (39,7%), que vem repetindo o bom desempenho do ano anterior, devido à participação elevada na formação do produto industrial do Rio Grande do Sul, bebidas (32,4%) e perfumaria, sabões e velas (18,4%).

O indicador acumulado em jan.-abr./01, comparado com igual período do ano anterior, também mostra taxas negativas para nove dos 18 gêneros pesquisados. A principal contribuição para a formação da taxa de 2,2% de crescimento da indústria de transformação foi dada pelo gênero mecânica, devido à expansão contínua das vendas de tratores e colheitadeiras agrícolas e fumo (12,6%), em razão da expansão do fumo em folha. A expectativa de uma safra recorde, aliada à disponibilidade de financiamento viabilizado no âmbito do plano de modernização da frota agrícola (Moderfrota)³, estimulou a renovação do parque de máquinas agrícolas, com conseqüente melhora da produtividade de segmentos da agricultura e da performance do setor industrial gaúcho.⁴ Em entrevista recente, o Presidente do Sindicato das Indústrias de Máquinas e Implementos Agrícolas do Rio Grande do Sul (Simers) afirmou que o RS responde por 15% do consumo nacional e por 50% das vendas desses produtos (Jardine, 2001, p.8-9), o que dá uma idéia da importância dessa indústria para o Estado. Com influências negativas sobre a taxa global aparecem os gêneros química (-5,2%), que registrou queda em três meses do quadrimestre em análise, e produtos alimentares (-5,3%), que vêm há dois anos com fraco desempenho.

³ O Programa de Modernização da Frota de Tratores Agrícolas e Implementos Associados e Colheitadeiras foi instituído pela Resolução nº 2.699, de 2000, com a finalidade de renovar a frota brasileira de máquinas agrícolas, mediante a concessão de financiamento a agricultores e a suas cooperativas. A Resolução nº 2.812, de 28 de dezembro de 2000, do Banco Central do Brasil, amplia a finalidade do Programa e prorroga o prazo de vigência para 31 de dezembro de 2001.

⁴ A produção nacional de máquinas agrícolas automotrizes (tratores, cultivadores motorizados, colheitadeiras e retroescavadeiras) cresceu 38,6% no período jan.-maio/01 sobre igual período do ano anterior. O principal destino da produção foi o Exterior, visto que as exportações atingiram de 84,2%, enquanto as vendas para o mercado interno representaram 21,4% das vendas totais (Carta da Anfavea, 2001).

Tabela 4

Taxas de crescimento acumulado da produção física, por classes e gêneros da indústria, no RS — jan.-abr./00 e jan.-abr./01

(%)

CLASSES E GÊNEROS	ABR/01 (1)	ACUMULADAS NO ANO (2)	
		Jan.-Abr./00	Jan.-Abr./01
Indústria geral	4,43	10,78	2,11
Indústria extrativa mineral	-19,20	24,39	-25,64
Indústria de transformação	2,22	10,73	2,22
Minerais não-metálicos	-17,18	2,67	-0,88
Metalúrgica	-7,07	10,06	-6,51
Mecânica.....	39,68	7,53	26,54
Material elétrico e de comunicações	-3,15	22,37	3,52
Material de transporte	12,54	26,37	8,00
Madeira	-3,17	-1,34	-4,57
Mobiliário	3,47	19,04	2,28
Papel e papelão	-15,38	-0,12	-0,04
Borracha	3,36	19,09	6,68
Couro e peles	-10,98	-3,46	-12,56
Química	-10,13	26,90	-5,22
Perfumaria, sabões e velas	18,41	24,72	13,25
Produtos de matéria plástica	-0,25	0,72	-4,15
Têxtil	6,56	22,59	7,84
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	12,23	-0,03	2,89
Produtos alimentares	-6,54	5,46	-5,30
Bebidas	32,36	-1,45	-8,85
Fumo	14,78	-15,06	12,58

FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número índice (2001). Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <http://sidra.ibge.gov.br/>. Acesso em: 10 de junho.

(1) Índice mensal com base em igual mês do período anterior. (2) Índice acumulado com a base igual ao período do ano anterior.

O importante a destacar na Tabela 4 é a forte contração dos gêneros material elétrico, material de transporte, mobiliário, química e têxtil, que passaram de um período de crescimento acelerado — jan.-abr./00 —, quando atingiram taxas próximas ou superiores a 20,0%, para outro — no mesmo período de 2001 — caracterizado por uma acentuada redução na produção, refletida em taxas de crescimento significativamente menores ou até mesmo negativas.

O gênero vestuário, calçados e artefatos de tecido conseguiu melhorar sua performance no primeiro quadrimestre de 2001, passando de taxa negativa (-0,03%) para positiva, ainda que pequena (2,9%). Esse resultado pode ser atribuído ao crescimento da produção e, principalmente, da exportação de calçados, que foi de 10% no primeiro quadrimestre de 2001 em relação a igual período do ano anterior. Desse modo, a continuidade desse resultado fica atrelada ao comportamento do ambiente externo. Além da alta do preço do couro, o setor deve sofrer fortes impactos decorrentes da desaceleração da economia norte-americana (principal destino das exportações de calçados brasileiros) e dos desdobramentos da crise argentina (segundo mercado) (Hens, 2001, p.1).

Em suma, a perspectiva para os próximos meses é de desaceleração no ritmo de crescimento da produção industrial. Isto porque, o desempenho da indústria gaúcha depende, em larga medida, da indústria da Região Sudeste, que será bastante afetada pelo racionamento de energia elétrica, em termos da redução no volume de vendas para aquela região e de diminuição na oferta de insumos provenientes da mesma. O setor moveleiro gaúcho, por exemplo, já sente os efeitos do racionamento e revisa as metas de crescimento para o ano 2001, devido à redução das cotas de matérias-primas vindas da Região Sudeste. A opção pela importação dessas matérias-primas, por sua vez, torna-se bastante onerosa em razão do dólar sobrevalorizado. Dessa forma, as empresas do setor serão forçadas a reduzir estoques e níveis de produção (Vizzotto, 2001, p.11).

Os impactos efetivos sobre os níveis de produção da indústria gaúcha somente poderão ser avaliados após a divulgação dos índices relativos ao mês de julho, na medida em que só então os indicadores de desempenho industrial terão captado os movimentos de ajuste empreendidos pelos empresários no sentido de se adequarem ao novo cenário de desvalorizações acentuadas da moeda nacional e de racionamento de energia elétrica.



No primeiro quadrimestre, o desempenho da indústria brasileira, embora ainda mantendo taxas de crescimento elevadas na comparação com igual período do ano anterior, mostra uma perda de dinamismo como resultado de quedas na produção física registradas nos índices mensais, sobretudo, em fevereiro e março, que tiveram taxas de crescimento negativas. O resultado em abril, taxa de crescimento de 4,4% no indicador mensal, não deverá sustentar-se nos meses seguintes, tendo em vista os ambientes interno e externo bastante desfavoráveis. O aprofundamento da crise argentina e as flutuações do dólar têm levado o Governo Federal a adotar políticas contracionistas, com forte impacto sobre o nível de atividade econômica. Adicionalmente, a crise de energia elétrica e a

imposição de pesadas metas de racionamento contribuirão para a redução dos níveis de produção.

Convém ressaltar que os indicadores relativos ao mês de maio ainda deverão registrar taxas de crescimento elevadas, considerando-se a preocupação dos empresários com o racionamento: a idéia é produzir para acumular estoques. A partir de junho, porém, já estarão quantificados os efeitos do racionamento.

Na indústria gaúcha, essa desaceleração no ritmo de crescimento da atividade industrial vem sendo mais acentuada: após um período de expansão a taxas superiores às observadas para a indústria brasileira, os índices de produção física apontam para redução no patamar de produção industrial.

Bibliografia

- BAUMANN, Renato (2000). O Brasil nos anos 90: uma economia em transição. In: —, org. **Brasil: uma década em transição**. Rio de Janeiro : Campus. p.11-54.
- BOLETIM CONJUNTURAL (2001). Brasília : IPEA, abr.
- BUENO, Sérgio (2001). Gaúchos sofrem mesmo sem corte. **Valor Econômico**, 4 jun. p.A-5.
- CALANDRO, Maria Lucrécia, CAMPOS, Sílvia Horst (2000). O desempenho da indústria em 1999. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v.27, n.4, p.37-59.
- CALMON, Cristina (2001). IBGE avalia o impacto da crise sobre a produção. **Valor Econômico**, 16 maio. p.A-3.
- CARTA DA ANFAVEA (2001). São Paulo : ANFAVEA, n.181, jun.
- ECONOMIA BRASILEIRA: DESEMPENHO E PERSPECTIVAS (2000). Brasília : CNI, ed. especial, dez.
- FALEIROS, Gustavo (2001). Fiesp também prevê economia aquecida no mês. **Valor Econômico**, 31 maio, p.A-6.
- HENS, Taís (2001). Moveleiro tenta compensar retração nas exportações. **Gazeta Mercantil**, 27 maio. p.1.
- IBGE confirma crescimento industrial (2001). **Gazeta Mercantil**, Porto Alegre, 15/17 jun. p.1.

- JARDINE, Carolina (2001). Máquinas agrícolas puxam crescimento no Sul. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 25 jun. p.14.
- LIMA, Rubens Soares de (2001). A indústria gaúcha em 2000; crônica de uma recuperação anunciada. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v.28, n.4, p.111-132, mar.
- LUCAS, Jaime (2001). Indústria gaúcha mantém índices acima da média nacional. **Gazeta Mercantil**, Porto Alegre, 12 jun. p.1-3.
- NEUMANN, Denise (2001) Ajuste será mais penoso para setores em crescimento. **Valor Econômico**, 23 maio. p.A-9.
- NEUMANN, Denise (2001). Produção industrial pode cair este ano, calcula UFRJ. **Valor Econômico**, 21 de maio. p.24
- OSWALD, Vivian. (2001). Cepal: impacto da crise no PIB pode durar 6 anos. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 jun. p.33.
- PESQUISA industrial mensal; produção física Brasil (2001). Rio de Janeiro : IBGE. Disponível em: <http://ibge.gov.br/estatística/indicadores/industria/pimpfbrasil/> Acesso em: 20 maio.
- PESQUISA industrial mensal; produção física Brasil (2001). Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <http://ibge.gov.br/estatística/indicadores/industria/pimpfbrasil/> Acesso em: 10 jun.
- PRODUÇÃO física industrial; número índice (2001). Rio de Janeiro : IBGE. Disponível em: <http://sidra.ibge.gov.br/>
- RAFFAELLI, Eliana (2001). Indústria gaúcha será afetada com energia racionalizada no Sudeste. **Gazeta Mercantil**, 25, 27 maio. p.1.
- SILVA, Salomão L. Quadros da (2001). Sondagem conjuntural da indústria de transformação, abril 2001. **Conjuntura Econômica**, Rio de Janeiro : FGV, v.35, n.5, p.38-42, maio.
- SOARES, Pedro (2001). Racionamento apaga PIB no 3º trimestre. **Folha de São Paulo**, 12 jun. p.B-1.
- VIZZOTTO, Rodrigo (2001) Produção cai 10% em junho. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 26 jun. p.11
- WELTER, Martiane (2001). Produção gaúcha cresce 4,4%. **Jornal do Comércio**, 15/17 jun. p.13.